

A edição local enquanto espaço de desenvolvimento das identidades locais

MARGARIDA FREIRE MOLEIRO*

PALAVRAS-CHAVE: Torres Novas, Edição, Identidade, *Nova Augusta*, GEPE.

KEYWORDS: Torres Novas, Publishing, Identity, *Nova Augusta* (local magazine), GEPE (Office for Study and Editorial Planning).

A edição municipal em Torres Novas (séculos XX-XXI)

A actividade editorial do município de Torres Novas remonta a meados dos anos 30 (século XX), com uma série de edições de cariz historiográfico da autoria de Artur Gonçalves. Nesta série incluem-se quatro títulos que são, ainda hoje, referências imprescindíveis para os estudos locais torrejanos¹ e o livro dos *Anais de Torres Novas* (1939).²⁻³ Na década de 30, Torres Novas viveu um impulso cultural fulgurante, graças a figuras como Gustavo Pinto Lopes, Artur Gonçalves e o mestre Carlos Reis.⁴ Embora houvesse a noção de que os livros

* Câmara Municipal de Torres Novas.

¹ *Torrejanos Ilustres em letras, ciências, armas, religião, etc.*, 1933; *Torres Novas. Subsídios para a sua história*, 1935; *Mosaico torrejano. Miscelânea de retalhos do passado e do presente de Torres Novas para memoração no futuro*, 1936; *Memórias de Torres Novas. Novos subsídios para a sua história*, 1937; *Torres Novas na Exposição Feira de Santarém*, 1937.

² Obra póstuma, elaborada com o intuito de completar o livro dos anais, exigido por D. Maria II em meados do século XIX.

³ Pela sua dedicação a Torres Novas e por reconhecer o trabalho único que Gonçalves fazia, todas as propostas de futuras edições obtiveram constantemente aprovação da câmara municipal, desde 1935, tendo o autor recebido sempre os devidos emolumentos (pelo trabalho e direitos de autor). Só a edição de *Anais torrejanos* aconteceu após a morte do autor, e esta (e os direitos autorais) foi, por isso, comprada a Artur Virgílio de Arês e Vasconcelos, parente de Artur Gonçalves.

⁴ Os dois primeiros, sobretudo, pugnaram pelo desenvolvimento cultural da vila e pelo reconhecimento da sua importância histórica, Gustavo Pinto Lopes na sua senda pela

de Artur Gonçalves seriam lidos por poucos, talvez uma elite intelectual, estes eram considerados de grande valia para a fixação da memória torrejana e para a divulgação da história do concelho, garante da sua antiguidade e importância histórica. Após esta vaga de publicações, o lançamento de livros publicados pela Câmara Municipal de Torres Novas acontecerá apenas em 1942⁵ e decorrido 20 anos, em 1962, o lançamento da revista *Nova Augusta*⁶ promete uma nova vaga editorial. Todavia, o fulgor da iniciativa durou apenas dois anos, sem se verificar a edição de livros. A difusão cultural em Torres Novas não passava pelo lançamento regular de livros:⁷ a praticamente inexistente publicação de livros⁸

construção de uma biblioteca e de um museu municipais, recolhendo milhares de livros e peças de valor patrimonial entre as famílias torrejanas, e Artur Gonçalves na construção de obras de cariz historiográfico sobre a história da vila, dos primórdios aos anos 30 do século XX, desenvolvendo-se com Pinto Lopes nas coisas da arqueologia, nos anos em que se vislumbravam os primeiros vestígios da vila romana de Cardílio.

⁵ Uma biografia do pintor Carlos Reis, realizada por Gustavo Pinto Lopes e Artur Gonçalves, e um livro genérico sobre Torres Novas (história, etnografia, cultura e locais de interesse turístico), da autoria do P.^o Augusto Durão Alves, que viria a ser director da biblioteca e do museu municipais entre 1944 e 1957.

⁶ A edição desta revista é indissociável do dinamismo editorial municipal, sendo a *N.A.* a mãe do fulgor editorial ao nível municipal. Sobre a história da revista *Nova Augusta* leia-se o capítulo 3.2 do nosso estudo «Contributos para a história da edição em Torres Novas» (Moleiro, 2011).

⁷ O grupo Pró-Torres Novas organizava exposições, palestras e festas várias, como as Festas do Almonda, realizadas no interior do castelo, e apoiava as associações de cultura e recreio que se desenvolviam com o incentivo da FNAT. Aliás, na segunda metade dos anos 50 surgiram os ranchos folclóricos, apoiados pelo Grupo Pró-Torres Novas, a par de outras associações que, durante estas décadas, eram o garante e o motor da actividade lúdico-cultural da vila. Nos anos 40 houve na vila (como por todo o país) uma certa euforia a propósito do bicentenário da nação, marcado com eventos diversos, como foi a inauguração do painel de Gil Paes, em 1939, do artista Jorge Colaço. A inserção da inauguração do painel nestas comemorações, a par de outras obras, como o fontanário ou a Casa da Propaganda e, mesmo, a insistência da Câmara em ter concluída em 1940 a restauração do castelo, de modo a poder integrá-la nas comemorações, demonstra a interligação entre estes elementos enquanto símbolos de uma portugalidade que se pretendia constituir como expressão de um povo de história e tradição. Além destes eventos, eram as festas (católicas) e os grandes acontecimentos religiosos que marcavam o calendário da vila.

⁸ Apesar de os trabalhos existentes (escassos), a nível nacional, do início do século XX, em torno dos temas regionais foi, de facto, apenas durante as décadas de cinquenta e sessenta com os trabalhos de Orlando Ribeiro e Romero de Magalhães, que a disciplina (referimo-nos à geografia e história locais) começou a ganhar forma nas universidades.

entre os anos 40 e 70⁹ explica-se pelo contexto nacional de amorfismo cultural decorrente da mentalidade salazarista que «pulverizava» Portugal. Já na década de 70, publicam-se dois títulos: um de poesia e um roteiro do concelho de Torres Novas, onde se pretende dar relevo aos aspectos mais marcantes da história de Torres Novas, suas lendas, património, locais de interesse turístico, usos e costumes, festejos tradicionais, paisagem, folclore, etc., à luz da época em que foi escrito. Só após o fim da ditadura salazarista e com o impulso da vaga cultural e académica dos anos 80 é que a actividade editorial do município foi retomada no início da década,¹⁰ com a reedição da revista de cultura, a *Nova Augusta*. Nos anos 80 do século XX a Câmara Municipal de Torres Novas publicou apenas 5 títulos (4 livros e uma brochura), o que, tendo em conta o deserto das décadas anteriores, poderemos considerar um número que revela expectativa no futuro. Até 1985, a direcção (da biblioteca e da *Nova Augusta*), embora esperançosa (como se lia nas suas palavras na abertura do número 1, série II, da *N.A.*) e desejosa de manter uma luz editorial para o futuro, não conseguiu fazer valer esses ensejos. Aliás, quanto à edição de livros, publicaram-se apenas 2 títulos, sendo, na realidade, o primeiro uma brochura de 21 páginas e não um livro. O director que se seguiu mantém o esforço dos primeiros anos da década e faz publicar mais três títulos.¹¹ No entanto, durante estes anos, não houve

Mas o ambiente político e cultural nacional não era propício ao desenvolvimento cultural/científico e, por isso, será após a revolução de Abril de 1974 que mais crescerão os trabalhos dedicados a temas da história regional e local. Até aos 80, a história local não era respeitada cientificamente. Só o reconhecimento nas universidades (com a criação de cursos e disciplinas de história local e regional) e o aparecimento de gente com capacidades científicas para desenvolverem trabalhos com metodologias de investigação «sérias» é que a publicação ao nível local de monografias históricas e/ou de recolhas etnográficas pôde crescer. Foi graças ao aparecimento do Instituto Alexandre Herculano de Estudo Regionais e Municipalismo, e outros semelhantes, que se iniciou um processo de colaboração estreita entre universidades e autarquias, potenciar os estudos e as publicações de cariz local e regional.

⁹ Neste intervalo de tempo, publicou a Câmara Municipal apenas uma separata da revista *Nova Augusta* dedicada a Carlos Reis, ilustre pintor torrejano, a propósito do centenário do seu nascimento (vd. Gonçalves, 1963).

¹⁰ Diz Artur Sá da Costa que «uma política editorial municipal está sobretudo associada à autonomia do poder local, o que equivale a dizer, que ela só existe onde e quando o poder local democrático estiver plenamente consagrado» (Costa, 2009: 155).

¹¹ *A centenária filarmónica torrejana (elementos para a sua história)* (de Faustino Bretes, 1986), *Património artístico do concelho de Torres Novas* (de Joaquim Rodrigues Bicho, 1987) e *Roteiro do concelho de Torres Novas* (de João Carlos Lopes, 1987).

publicação de qualquer número da revista de cultura *Nova Augusta*. Em 1987 a edição do livro *Património artístico do concelho de Torres Novas*, que decorreu a propósito do 50.º aniversário da fundação da biblioteca e do museu municipais, foi o primeiro trabalho de inventariação do património do concelho: o autor faz um périplo por todas as freguesias e recolhe fotografias da arte sacra existente nas igrejas e capelas, publicando-as a par de textos-resumo de análise das peças e dos templos. A intenção do autor foi lutar contra a ignorância dos munícipes em relação ao seu património e, assim, chamar a atenção para a degradação deste.¹² Mas a dinâmica das publicações municipais torrejanas é verdadeiramente conquistada e assumida como política nos anos 90¹³ (sob o pretexto das comemorações do VIII centenário do foral de Torres Novas, momento em que se realizou uma série de eventos culturais), tendo-se mantido, até aos dias de hoje, apoiada (há cerca de dez anos) num serviço exclusivamente dedicado à produção e edição de conteúdos sobre Torres Novas: o Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial (GEPE), uma estrutura inserida no organograma do município de Torres Novas, cujos objectivos se distribuem em duas grandes categorias – os estudos/a investigação e, por o planeamento editorial. Ao nível dos estudos e investigação cabe ao GEPE promover a produção própria de programas de pesquisa, dentro dos temas da história e cultura torrejanas, assegurar a prospecção de fontes e fundos documentais (estudo e divulgação) e produzir conteúdos destinados a configurar suportes de natureza didáctica (áreas das ciências sociais e património). Na área do planeamento

¹² Pela importância do seu trabalho, viria a dar à estampa uma segunda edição, revista e aumentada, em 2002.

¹³ No ano das comemorações do foral (1990) verificaram-se quase tantas publicações quantas as que se fizeram na década de 80. Em 1990 publicaram-se 4 títulos, dedicados às fontes para a história do concelho, à espeleologia e património natural, à divulgação do património e à memória da Torres Novas de outros tempos, através de um livro de fotografias antigas. Desde 1990, que se garante a publicação regular e planeada de obras de tipologia diversa, que têm em comum Torres Novas e a prossecução da defesa do seu património cultural e a divulgação dos temas torrejanos [monografias sobre a história do concelho; publicação de fontes para o estudo da história de Torres Novas, livros de fotografias antigas da vila e das freguesias do concelho (exercícios de memória e jogos de proximidade entre a comunidade e o seu património); trabalhos diversos sobre as freguesias (da história à etnografia); catálogos de exposições; instrumentos de pesquisa para investigadores dos temas locais (catálogo de periódicos, bibliografia analítica de Torres Novas, pequena brochura sobre a organização do arquivo histórico municipal); biografias e alguns livros de cariz infantil-juvenil].

editorial, o GEPE assegura o planeamento de programas e iniciativas editoriais, dos quais obrigatoriamente faz parte a publicação anual da revista de cultura do município – a *Nova Augusta*. Cabe também ao GEPE fomentar a publicação de fontes documentais primárias da história torrejana.

O programa editorial do GEPE divide-se nas seguintes tipologias: periódicos; estudos e monografias (avulso ou segmentados por colecções); fotografia; folhetos/brochuras; infantil/juvenil. Actualmente, a edição municipal de livro em Torres Novas, a cargo do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial, distribui-se pelas seguintes tipologias/formatos/conteúdos: periódicos (*Nova Augusta*, revista de cultura do município de Torres Novas) e colecções. Ainda na entrada do século XXI, a questão das colecções não estava definida. Publicava-se de forma mais ou menos aleatória quase todas as monografias, estudos e álbuns fotográficos dentro de uma enorme colecção chamada «Temas Torrejanos». De colecção apenas tinha o nome e o facto de todos se referirem a Torres Novas, o que seria espectável pois o município torrejano só tem publicado o que se refere ao concelho e localidades historicamente ligadas ou pertencentes ao antigo termo do concelho. A colecção «Temas Torrejanos» não tinha uniformidade gráfica, nem temática, e abrangia as publicações municipais. Em 2006 contava com 20 números publicados. A partir desta data, com a entrada de uma nova equipa de trabalho, a colecção «Temas Torrejanos» caiu em desuso e foi substituída por colecções mais estruturadas: colecção Estudos e Documentos, colecção História e Património, colecção Imagens e Memória.

Com a nova composição do GEPE, a par da aparição destas colecções, verifica-se uma maior preocupação com a criação de suportes para o público mais jovem/infantil, tendo sido publicadas desde então algumas obras infantis de «grande» tiragem para oferta às crianças do 1.º ciclo. É de salientar que, entre 1999 e 2008, não se tinha publicado qualquer título dedicado ao público mais jovem.

A colecção Estudos e Documentos surgiu em 2005 e conta já com 8 números publicados. Desta colecção fazem parte os estudos científicos (até agora nas áreas da história, geografia, sociologia e biologia/paisagismo) e a publicação de fontes documentais para a história de Torres Novas. Está vocacionada para o público investigador e estudante, constituindo, portanto, uma colecção de instrumentos de trabalho, vendida a um preço muito barato, quase preço de custo.

A colecção História e Património, criada em 2009, serve para agrupar todas as monografias que versem os temas da história e do património concelhio. Conta apenas com três números publicados.

A colecção Território e Sociedade está mais vocacionada para trabalhos de geografia, etnografia e ciências da terra, mas sempre numa perspectiva de abordagens locais e regionais. Ainda não conta com nenhuma entrada, mas existe conceptualmente para enquadrar trabalhos nesta área que eventualmente possam surgir.

A colecção Imagens e Memória foi criada para agrupar os álbuns que não tinham espaço próprio e que se misturavam *ad hoc* com as monografias de história. Inclui todas as publicações de fotografia e de relatos memoriais da vila de ontem e da cidade /concelho dos dias de hoje. Este género de publicações é muito bem acolhido pelo público, por razões de estética e de identificação da população com a sua terra.

O GEPE, pela sua dupla qualidade de gabinete de estudos e editor, trabalha em cooperação com outros serviços do Município e é um serviço aberto à comunidade: estabelece relações com os investigadores locais, os investigadores do meio académico nacional/internacional (universidades, centros de estudos, institutos, etc.), com os estabelecimentos de ensino locais (sobretudo 3.º ciclo e ensino secundário, ao nível das bibliotecas escolares), com as associações e as juntas das freguesias do concelho. A equipa do GEPE mantém com os investigadores relações muito próximas de confiança e cumplicidade intelectual, tendo consciência de que a sua colaboração é valiosa para que a *N.A.* e as colecções do município possam continuar a ser uma referência no âmbito das edições municipais.

Os temas dos livros publicados pelo município de Torres Novas incidem, na sua maioria, na Torres Novas cidade (ou vila) ou na Torres Novas vista como o todo do concelho. Há algumas publicações dedicadas a freguesias e locais. As serras de Aire e Candeeiros recolhem também a atenção do editor, por serem o *ex-libris* do património natural local. Desde o ano de publicação do primeiro livro editado pela Câmara Municipal de Torres Novas, que se verifica uma preferência acentuada pela publicação dos temas da história local (incluem-se fontes históricas), seguida da fotografia e dos temas etnográficos. A história das instituições e associações do concelho e as biografias de personalidades naturais de Torres Novas estão também entre as preferências da edição municipal em Torres Novas. A intenção editorial é encontrar diversas perspectivas locais de olhar para os domínios da história, da etnografia e do património concelhio, ora através da fotografia, das crónicas ou das monografias. Uma vez mais, o objectivo destas edições dedicadas às freguesias é recuperar a memória de tradições antigas e fazê-las perpetuar através da escrita, recolher os documentos respeitantes àquela

povoação e escrever a história; no fundo, honrar as gentes da terra através de uma obra que eternizará os seus nomes e os dos seus antepassados.

Muitos dos autores dos livros editados pelo município de Torres Novas são também colaboradores da revista *Nova Augusta*. De um modo geral, os autores das edições municipais de Torres Novas são naturais do concelho e os que não são têm ligações afectivas ou profissionais à terra.¹⁴

Na sua maioria, os autores são formados em História (sendo historiadores, professores ou técnicos municipais). Os autores das edições municipais têm em comum o gosto pela «sua» terra e a vontade de preservar e divulgar o património torrejanos.¹⁵

As edições do município de Torres Novas têm um carácter eminentemente cultural e não comercial. Assim, não se faz publicidade, faz-se antes divulgação através do *site* do Município e folhetos colocados nos equipamentos culturais da cidade e nas livrarias, e aposta-se a aposta na promoção junto de bibliotecas, institutos e universidades.

Momento importante na vida das edições municipais é a cerimónia de lançamento público. Agendados de acordo com os momentos institucionalmente mais adequados, estes eventos decorrem em ambiente um tanto formal, na presença do presidente da câmara municipal ou de alguém por si delegado (um vereador ou o vice-presidente).¹⁶

Considerações gerais

As publicações municipais de Torres Novas pesam cerca de 60% no universo da edição local de livro em Torres Novas.

¹⁴ Segundo José Mattoso, o investigador ou estudioso «deve consciencializar-se de que a melhor forma para compreender determinada comunidade, é ele próprio adoptar uma postura vivencial do espaço na mesma, participando de preferência do seu quotidiano.», *apud* Nunes, 1996: 73. A autora diz também que «o historiador local bem posicionado e relacionado na comunidade estará apto para a resolução de alguns dos seus problemas, ajudando-a na busca da sua identidade.» (*Ibidem*: 75).

¹⁵ Alguns autores juntam a estes factores o desejo de publicarem um livro como meta de realização pessoal, como se denota nos agradecimentos que fazem na abertura dos seus livros, num misto de humildade e orgulho.

¹⁶ Encontramos um certo paralelismo entre o significado dos lançamentos dos livros municipais e o significado que Paul Connerton concede às cerimónias comemorativas (cf. Connerton, 1993: 47-81).

Responsáveis: genericamente podemos afirmar que os coordenadores das edições municipais de Torres Novas, são e os directores da revista *Nova Augusta* são, até 2008, os directores da biblioteca municipal Gustavo Pinto Lopes.

As cerimónias públicas de lançamento de livros são momentos formais, que seguem determinados rituais protocolares. Nestas cerimónias reforçam-se os valores defendidos na política editorial local: preservação do património local no sentido de legar às gerações vindouras uma memória daquela comunidade. A edilidade tem, de algum modo, nas suas mãos o poder de preservar o passado e legá-lo às gerações vindouras.

A «edição desempenha um papel central na vida cultural, intelectual e educativa de uma nação» (Martins, 2005: 53)¹⁷ e as edições municipais representam também o entendimento do poder autárquico em relação a este papel. O caso da edilidade torrejana é um exemplo da vontade de salvaguardar o património cultural material e imaterial de uma região, através da publicação dos resultados das investigações da história, da arqueologia, das personalidades, do quotidiano e dos costumes das gentes, garantindo a fixação da memória torrejana.¹⁸

Em jeito de conclusão

A definição do mundo editorial do livro enquanto campo [de investigação da sociologia] prevê a existência de relações, práticas e posicionamentos de um conjunto de actores, individuais e institucionais, entre si e face a outros, que conhece substanciação formal e informal em espaços concretos, visíveis e identificáveis territorialmente, e em espaços abstractos, não menos reais e fundados em ligações económicas e de partilha de identidade e de outras características sociais. (Medeiros, 2010: 261).

Observar a actividade editorial num determinado território¹⁹ obriga-nos a olhar para a edição a partir de características próprias àquele espaço e aos seus

¹⁷ Citando o Relatório Mundial de Informação da UNESCO (1997).

¹⁸ Acreditam os promotores destas edições que elas são uma forma de protecção da herança cultural da região que garantirá a manutenção/construção da identidade das suas gentes, que se reconhecerá nos monumentos, na toponímia, na gastronomia, nos costumes da sua terra.

¹⁹ Espaço apropriado por um grupo de indivíduos que estabelecem aí diversas actividades e relações sociais. Originalmente a ideia de território prende-se com a propriedade da

agentes, compreendendo a dinâmica destas relações à escala local e mediante as suas características económicas e sociais. As práticas editoriais locais reflectem a dedicação e a predisposição de uma comunidade para se posicionar de forma activa face ao labor de editor e através dele expressar as suas maneiras de sentir o mundo, de olhar para o seu território e para aqueles que lá vivem, de recordar o passado daquela terra e dos seus conterrâneos, ora através da imprensa, ora através da publicação de livros.²⁰ A edição local é um palco privilegiado para observar as contingências e as subtilezas a que o objecto publicado está sujeito, devido à «carga» memorial e identitária que estas publicações carregam consigo.²¹

Como pensar, num mundo como este, a experiência da localidade, entendendo por tal a experiência de vida num espaço e num tempo específicos, que nos pertencem e ao mesmo tempo nos transcendem? (Cunha, 2006: 4).

A edição local é, a este nível, um espaço privilegiado para o desenvolvimento de construções identitárias.²² Sentimo-nos, assim, impelidos a reflectir sobre teorias da identidade, das representações sociais²³ e da memória, o que nos

terra, a terra que está cultivada, onde se produz algo. Actualmente, os territórios são também espaços abstractos, imaginários, inseridos no contexto da produção de ideias e de discursos. (Vd. Barros, 2006: 460-475).

²⁰ A edição como espaço social complexo «constituído por um conjunto de agentes que actuam como construtores activos na esfera das ideias e da cultura escrita através de uma matriz prescritiva e selectiva da sua intervenção no livro, infundindo-lhe uma identidade própria que extravasa o texto na sua estrita acepção autoral.» (Vd. Medeiros, 2009: 131).

²¹ «O livro e, mais latamente, o objecto publicado obedecem, nesta medida, a um jogo subtil e plástico, por vezes turbulento, de ligações, reciprocidades, posições e interesses, aspectos promotores de intervenção estratégica sobre o objecto textual a editar, quer do ponto de vista dos princípios, quer do ponto de vista do mercado de leitores.» (Medeiros, 2009: 132).

²² As edições locais, em nosso entender, preenchem os quatro campos do processo identitário de Breakwell (1986/1992): auto-estima (o valor e o orgulho social), a continuidade (uma ligação no espaço entre o passado e o presente), a distintividade (os indivíduos sentem-se únicos na diferenciação em relação aos outros, sentem-se especiais), e o controlo (os indivíduos sentem-se confiantes para resolver as adversidades próprias do seu ambiente). [tomámos conhecimento do processo identitário de Breakwell a partir do estudo de Loureiro/Príncipe, 2002].

²³ As representações enquanto fenómenos cognitivos, ligados a quadros ideológicos, culturais e científicos. As representações sociais são partilhadas por um conjunto de indivíduos, são o resultado da actividade cognitiva e simbólica de um grupo social e constituem-se

conduziu a pesquisar outras pistas para a análise dos conteúdos identitários, à luz do pensamento de Henri Tajfel (1972; 1982) e Moscovici (1998: 209-247), para as teorias da identidade social e das representações sociais, e Halbwachs e Paul Connerton, para o tema da memória social.²⁴ Afinal, são as narrativas dos acontecimentos passados que os fazem perdurar ou cair no esquecimento (Augé, 2001),²⁵ e é assim que vamos construindo e entendendo o nosso mundo. As edições locais são a tela onde se podem bordar essas narrativas, construindo, ponto a ponto, uma memória colectiva pertença de determinada comunidade.²⁶ No caso torrejano, a diversidade temática abrangida pelas edições municipais revela particular atenção e preocupação em preencher todas as gavetas da construção identitária, através da publicação de estudos não só de história, mas também da etnografia (e afins), de biografias de personalidades locais e da publicação das imagens antigas e recentes da vila/cidade, marcando a noção do passar do tempo, do legado geracional, inventando uma memória comum.²⁷ Podemos, então, olhar para o campo das edições locais como objecto que transporta em si a bagagem cultural de determinado território, mas será, com certeza, mais estimulante entender o campo das edições locais como plano

como guias para a comunicação e para a acção. Vd. Cabecinhas, «Investigar representações sociais...», p. 54-55.

²⁴ É através do sentido de pertença a um grupo social que os indivíduos são capazes de adquirir, localizar, evocar e preservar as suas memórias: «toda a recordação tem o outro como referência». Reconhecer-se inserido num grupo ou com ele se identificar, portanto, é um pré-requisito para que uma memória social possa ser compartilhada. Halbwachs (1990), *apud* Laécio Rodrigues, «Estado, mídia e nacionalidade...».

²⁵ É curioso e interessante ter em conta não só o que é escrito, narrado, e publicado, mas também o que é omitido. «A tendência da percepção dos sujeitos (mesmo a dos investigadores) é isolar os elementos significativos do plano que lhes dá o próprio sentido. É precisamente nesse enorme plano esquecido que se encontra muitas vezes o sentido dos lugares tomados como referências, como nos lembra Augé» – Vd. José Carlos Pinto da Costa, *Ser de Carlão...*, 2002, p. 12, nota de rodapé 19. Vd. Augé, 2001.

²⁶ Se tivermos em conta os conceitos de Paul Connerton sobre a memória colectiva, facilmente verificamos que entendemos o mundo através de acontecimentos passados que guardamos como referência: as guerras, as mortes, os conflitos diversos que «estruturam a biografia da nação» (B. Anderson, 2005: 268).

²⁷ «[...] constatamos que as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente. É uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social. Se as memórias que têm do passado divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões.» Vd. Connerton, 1993: 3.

em construção, activo e participativo na estruturação e na expressão da cultura de determinado território.²⁸

O negócio da edição de livros é, por natureza, pequeno, descentralizado, improvisado, pessoal; mais bem desempenhado por pequenos grupos de pessoas com afinidades, devotadas ao seu ofício (...). Hoje a actividade editorial está à beira de uma grande transformação que promete muita oportunidade para inovar: muita tentativa, muito erro, muita melhora. (Epstein, 2002: 19).

A era pós-moderna²⁹ marcada pela personalização, pela diferenciação, pela autonomia, caracteriza-se pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade, valores que exigem novas formas de ler (e de consumir) mais consentâneas com os modelos editoriais digitais e com a comunicação (de grande e livre expansão) em rede. A internet e as novas tecnologias estão a desenhar cenários completamente novos, onde os processos de digitalização supõem a desvinculação física dos conteúdos no que respeita ao suporte e, consequentemente a sua desterritorialização. Aos editores cabe reinventar a actividade editorial aproveitando os benefícios e as potencialidades do digital. A internet enquanto fenómeno social significa um campo de oportunidades para o sector livreiro, obrigando à reconstrução da cadeia de valor. O novo modelo de mercado é o mercado de nichos e subnichos, que abre espaço a uma cultura

²⁸ António José Saraiva define a cultura como algo partilhado por um grupo, a ideia de cultura como produto: «produto do desejo humano» [Em *Cultura*. Colecção «O que é?». Lisboa: Difusão cultural, 1993, p. 55.] Mas, por outro lado, em nosso entender, podemos compreender a cultura não como produto, mas antes como processo, como construção permanente, portanto, não sendo mais do que uma abstracção artificial, uma vez que só pode existir na interactividade entre os indivíduos, logo não se pode possuir. Nesta nossa visão do conceito, cultura é um processo, algo que se vai fazendo, que se vai moldando e não uma coisa fixa: é flexível, plural, dinâmica e fluida. Este é também o sentido em que os Estudos Culturais interpretam a cultura: «A cultura é entendida como activamente produzida através de processos complexos (...) que acontecem em todos os níveis do social e a todo o momento no espaço dos processos culturais» [Vd. Gray, 2009: 12] e é neste âmbito que incluímos o estudo das edições locais como expressão da cultura popular. Não é nossa intenção neste trabalho entrar em debate sobre os Estudos Culturais, todavia deixamos algumas referências-chave desta área de estudo como E. P. Thompson, Stuart Hall e Raymond William.

²⁹ Pós-moderna ou hipermoderna? – Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles discutem e descrevem a sociedade actual, considerando que o estágio pós-moderno já foi ultrapassado por um novo paradigma a que designam hipermoderno. (Vd. Lipovetsky / Charles, 2011).

de nichos, à era da «microcultura» (Gil, 2008). A internet e os suportes de leitura digital representam «a oportunidade para produzir novos serviços para interesses, locais e comunidades específicos, como sites e jornais “hiperlocais”» (Jarvis, 2010: 152). A expansão global destes instrumentos de comunicação baseados em conteúdos digitais permite que «o pequeno seja o novo grande» (*ibidem*). Sabendo que a sociedade de leitores está cada vez mais fragmentada e que a edição local representa um desses fragmentos, não será vantajoso para os pequenos editores e para os editores institucionais locais a abertura aos novos suportes de edição digital e à sua dimensão global? A produção de livros electrónicos/digitais e de jornais digitais poderá responder às questões económicas que assombram o sector editorial local, mas se, no caso dos jornais, parece simples o futuro da produção e da difusão *on-line*, no caso dos livros, sobretudo no que respeita à edição institucional, coloca-se a questão da «perenidade *vs* efemeridade» dos conteúdos: manterá a obra editada em suporte digital o peso simbólico de marco, de eternização através do cunho no papel, da edição enquanto memória? A resposta não a podemos prever, no entanto, tendo em conta o que diz Lipovetsky (2011) na sua análise da sociedade actual, somos levados a crer que as actividades perenes de celebração e de reconhecimento do passado serão substituídas por actividades e momentos de estímulos emocionais perenes, recreativos e imediatos.³⁰

Perante o avanço do «global» teme-se o colapso das iniciativas locais, sobretudo ao nível destes pequenos nichos culturais como são as edições de jornais e livros. A falta de expressão da edição de autor, as políticas economicistas estatais (e municipais) e as questões que se têm colocado sobre o fim da imprensa local poderão pôr em causa esta *traditio*³¹ local? A edição de conteúdos de cariz local (históricos, etnográficos, literários, informativos ou jornalísticos), em papel ou noutra qualquer suporte, é uma realidade a garantir hoje e no futuro. As edições locais promovem, através de documentos escritos ou de imagens do passado (fotografias) o reencontro entre o Hoje e o Ontem de determinada

³⁰ «O antigo estilo solene e “sedentário” das comemorações, que visava inscrever de maneira permanente na memória dos próprios locais do passado, recua em benefício de um estilo “frívolo” e efémero que se limita apenas ao instante da comemoração: colóquios, concertos, exposições, *happenings*, espectáculos, desfiles criativos» Vd. Lipovetsky / Charles, 2011: 92 [Lipovetsky alude ao artigo de Pierre Nora, «L'ère des commémorations», publicado em *Les lieux de mémoire* (Paris: Gallimard, 1997, p. 4688-4699)].

³¹ No sentido de «tradição» como transmissão do passado (valores, práticas, etc.) para as gerações vindouras.

comunidade. As editoras comerciais, sediadas nas grandes cidades, não têm obviamente interesse em publicar monografias eminentemente locais. Parece-nos assim natural que sejam os agentes locais, públicos e privados, a manter e a garantir a preservação desta «tradição» local de transmissão das identidades através de materiais editados em forma de livro ou periódicos, em suporte papel ou digital.³² Os fenómenos de globalização³³ poderiam levar-nos a imaginar uma standardização dos modelos, no entanto, as culturas locais reagem a esta «normalização» adaptando-se às novas forças e às mudanças e é no «local» que «a globalização se expressa concretamente e assume especificidades» (Albagli, 1999: 189). Não estranhámos por isso o aparecimento de movimentos pela compra de produtos locais ou pela manutenção de marcas definidas como locais ou regionais, movimentos difundidos através da *web* (sob rótulos como *keep trade local* ou *buy local*) e que pugnam pela diferenciação do produto local, não contra a ideia e as vantagens do global, mas pela necessidade de reencontro com sistemas económicos mais justos, aproveitando as fontes regionais e garantindo estratégias comunitárias de desenvolvimento local.³⁴ Ir ao encontro do «local» é rever-se ou reencontrar-se com as suas características mais próximas e a partir das quais se revelam imagens identitárias imediatas, de revisão e de redescoberta das raízes do passado, essenciais para a estrutura das nossas sociedades da «hipermodernidade».³⁵

A identidade social de um indivíduo está ligada ao reconhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença. (Tajfel, 1972).

³² Na pesquisa de Isa Maria Freire («Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local.», 2006), investigadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, o tema da identidade cultural foi posto «como possibilidade de inclusão digital, favorecendo o treinamento nas tecnologias intelectuais para produção de conteúdos que representem valores, tradições e saberes da cultura local». (p. 64).

³³ Stuart Hall (2006: 18) sugere que ao falarmos de globalização e identidades devemos ter em conta as mudanças do mundo-pós-moderno, tendo em atenção conceitos como descontinuidade, fragmentação, ruptura e deslocamento, segundo as obras de Giddens, Harvey e Laclau.

³⁴ Movimentos como o *Buy local first* [<http://www.localfirst.org/index>] ou o ILSR – Institute for local-self reliance [<http://www.ilsr.org/about.html>].

³⁵ Segundo Gilles Lipovetsky, «a hipermodernidade não é estruturada por um presente absoluto, mas sim por um *presente paradoxal*, um presente que não pára de exumar e de “redescobrir” o passado.» Vd. Lipovetsky / Charles, 2011: 90.

O valor da diversidade cultural (reconhecido pela UNESCO) é, nas sociedades pós-modernas, a base para o reconhecimento do direito à identidade cultural e multicultural na nova arquitectura global. As novas políticas de comunicação dos contextos legislativos das sociedades da pós-modernidade consagram valores emergentes como a diversidade cultural, para cimentar o desenvolvimento cultural a par do desenvolvimento dos mercados, da inovação tecnológica, da criação de riqueza e emprego.

A identidade de um indivíduo não se restringe apenas a uma característica. Nessa sua pertença a grupos que se distinguem por características tão diversas como a língua, a religião, o género, as habilitações académicas, etc., o indivíduo deseja e procura interesses de acordo com cada um desses grupos. Cada vez mais o cidadão manifesta exigência perante os *media* e os seus conteúdos: exigência de acesso e de participação. As pessoas preferem adaptar os formatos globais às suas realidades/pessoas locais, continuando a preferir reverem-se em determinados conteúdos do que em qualquer género importado de países (ou locais) com os quais não têm qualquer ligação cultural.³⁶ É por isto que muitos autores preferem, em vez dos termos global ou local, denominar por *glocal* estes movimentos de conhecimento e adaptação do global às realidades locais, muito evidente, por exemplo, nos formatos televisivos.³⁷

Se, por um lado, o mundo se vem transformando numa enorme metrópole que consome os mesmos produtos e ideias, a sua incorporação não se faz sem que eles se modifiquem. Ou seja, o processo hermenêutico não pode fazer-se senão com a cultura local e, desse ponto de vista, também a globalização implica heterogeneidade. (Cunha, 2006: 3).

³⁶ «Os continentes europeu e americano são os maiores importadores de [conteúdos e formatos] média. Mas as pessoas do mundo passam mais tempo [a consumir] os seus próprios [produtos] média do que os produtos importados. (...) Por todo o mundo, a maior parte das pessoas preferem, na maior parte das vezes, serem “entretidas” e informadas pelas pessoas da sua própria cultura e nação.» Vd. Tunstall, 2007: parte 1, 1-5 [tradução nossa].

³⁷ «A maior parte das pessoas, pelo mundo fora, prefere ser “entretida” por pessoas que se parecem consigo, que falam da mesma maneira, que dizem as mesmas piadas, que se comportam da mesma forma, jogam os mesmos jogos e têm as mesmas crenças (e formas de ver o mundo) que elas próprias. As pessoas preferem [assistir] às notícias nacionais (do seu país), os seus políticos, o tempo [a meteorologia do seu país] e o seu futebol e outros desportos.» Vd. Tunstall, 2007: XIV («Introdução» [tradução nossa]).

A existência das edições locais garante a manutenção dos lugares (físicos e abstractos) históricos, essenciais na conservação da identidade de determinada população (de forma positiva) que lhe confere uma certa continuidade com o passado da sua terra e dos seus antepassados.³⁸ O conceito de identidade local tem que ver também com o «contexto e ambiente em que vivemos, podendo satisfazer necessidades biológicas, psicológicas e sociais de um indivíduo» (Loureiro, 2002: 2).³⁹ As edições locais permitem constituir um repositório destas vivências, de realidades e de «mundos imaginários que dão sentido às coisas e consistência aos laços sociais, mundos onde se constrói a história, mas onde, também, se sedimentam as memórias colectivas» (Cunha, 2006: 3).

Bibliografia

- ABREU, C. (2002), «A Edição Institucional em Portugal. Uma Análise Estrutural 1989-1994», *Páginas. Arquivos e Bibliotecas*. [s.l.], Gabinete de Estudos a&b.
- ALBAGLI, S. (1999), «Globalização e espacialidade. O novo do local», in: *Globalização & Inovação localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul*, Brasília, IBICT/MCT.
- AUGÉ, Marc (2001), *As formas do esquecimento*, Almada, Íman.
- BARROS, José d'Assunção (2006), «História, espaço e tempo. Interacções necessárias», *Variz História*, p. 460-475.
- BRAGA, Isabel Mendes Drumond (2003), «Revistas portuguesas de história regional: estudos», *Patrimonia histórica. Estudos*, Cascais, Património.
- (2004), «Historiografia Universitária sobre Temáticas Regionais Insulares (1974-2000)», *Islenha*, Funchal, n.º 34, p. 4-20.
- (2006), «Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais», *Brigantia*, Bragança, vol. 26, p. 675-691.
- CABECINHAS, Rosa / LIMA, M.E.O. / CHAVES, A.M. (2006), «Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história». URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/>

³⁸ Loureiro / Príncipe (2002: 2) revelam o estudo de Devine-Wright e Lyons, 1997, sobre a identidade nacional irlandesa onde mostram a importância dos locais históricos para a conservação da identidade.

³⁹ Recorrendo à definição do conceito «identidade local» de Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) em «Place identity: physical world socialisation of the self.» *Journal of Environmental Psychology*, 3, p. 57-83.

- bitstream/1822/6165/1/Cabecinhas-Lima-Chaves-2006.pdf, cujas páginas estão numeradas de 1 a 29 (Consultado em Setembro de 2014).
- COELHO, P. M. Laranjo (1935), *As Monografias Locais na Literatura Histórica Portuguesa*, Lisboa, A.C.L.
- CONNERTON, Paul (1993), *Como as sociedades recordam*, Oeiras, Celta Editora.
- COSTA, Artur Sá da (2009), «Livro municipal, o mal amado das políticas culturais», *Boletim Cultural*, Famalicão, p. 555-56.
- CUNHA, L. (2006), «Terras lusitanas e gentes dos brasis: a nação e o seu retrato literário», URL: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4677/3/2005%2c%2bTerras%2blusitanas%2be%2bgentes%2bdos%2bbrasis%2b_prelo_.pdf (Consultado em Setembro de 2014).
- EPSTEIN, Jason (2002), *O negócio do livro*, Rio de Janeiro, Editora record.
- ESCARPIT, Robert (1980), «Édition». *Encyclopaedia Universalis*, Paris, 5, p. 956-961.
- FARIA, Maria Isabel / PERICÃO, Maria da Graça (2008), *Dicionário do livro – Da Escrita ao Livro Electrónico*, Lisboa, Edições Almedina.
- FURTADO, José Afonso (1996), *O que é o livro?* Lisboa, Difusão Cultural.
- (2000), *Os livros e as leituras – novas tecnologias da informação*, Lisboa, Livros e Leituras.
- (2006), *Do papel ao pixel. Do impresso ao digital: continuidade e transformações*, Florianópolis, Escritório do Livro.
- GEORGE, João Pedro (2002), *O meio literário português (1960/1998). Prémios literários, escritores e acontecimentos*, Algés, Difel.
- GIL, Manuel / JIMÉNEZ, Fco. Javier (2008), *El nuevo paradigma del sector del libro*, Madrid, Trama Editorial.
- GONÇALVES, António Manuel (1963), *Carlos Reis. Director de Museus Nacionais*, Torres Novas, Câmara Municipal de Torres Novas.
- GUEDES, Fernando (2001) *O livro como tema. História, cultura, indústria*, Lisboa, Verbo.
- JARVIS, Jeff (2010), *O que faria o Google?* Lisboa, Gestão Plus Edições.
- LIPOVETSKY, Gilles / CHARLES, Sébastien (2011), *Os tempos hipermodernos*, Lisboa, Edições 70.
- LOUREIRO, Ana / PRÍNCIPE, Ana Filipa (2002), «Identidade local e identidade nacional: estudo comparativo das populações de Ponta Delgada e Lisboa», URL: [http://www.ecomuseu-azores.org/saojorge/images/stories/Recursos_Online/ Popular_/ IdentidAores_Nacional_cpia.pdf](http://www.ecomuseu-azores.org/saojorge/images/stories/Recursos_Online/Popular_/IdentidAores_Nacional_cpia.pdf) (Consultado em Setembro de 2013).
- MARTINS, Jorge M. (2005), *As profissões do livro: editores e gráficos, críticos e livreiros*, Lisboa, Verbo.

- MEDEIROS, Nuno (2010), *Edição e Editores. O mundo do livro em Portugal, 1940-1970*, Lisboa, ICS.
- MOLEIRO, Margarida Freire (2011), *Contributos para a história da edição em Torres Novas*. Dissertação de Mestrado em Estudos Editoriais, Aveiro, Universidade de Aveiro.
- MOREIRA, Vital (1983), «Revistas culturais regionais», *Vértice*, Coimbra, pp. 195-201, Março/Abril, 1982; p. 82-84 Jan-Fev.
- MOSCOVICI, S. (1998), “The history and actuality of social representations”, in: U. Flick (ed.), *The Psychology of the social*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 209-247.
- NUNES, Graça Maria Soares (1996), «A história regional e local – contributos para o estudo das identidades locais», *Cadernos de Sociomuseologia* 8, 71-81.
- TAJFEL, H. (1972), La catégorisation sociale. In: S. Moscovici (ed.), *Introduction à la Psychologie Sociale* (vol. 1), Paris, Larousse Université.
- (1982), Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança, in *Mudança Social e Psicologia Social*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 13-24.
- TUNSTALL, Jeremy (2007), *The media were American*, Oxford, Oxford University Press.

TÍTULO: A edição local enquanto espaço de desenvolvimento das identidades locais

RESUMO: A edição local é um palco excepcional para observar as contingências e as sutilezas a que o objecto publicado está sujeito, devido à carga memorial e identitária que estas publicações transportam consigo. Espaço privilegiado para o desenvolvimento de construções identitárias, as edições locais albergam narrativas de uma memória colectiva, de pertença de determinada comunidade. Em Torres Novas – município português com c. 37 mil habitantes – encontramos um nicho de edições municipais que tenta preencher todas gavetas da construção identitária, marcando a noção do passar do tempo, do legado geracional e reinventando uma memória comum.

TITLE: Local Publications as a Means for the Development of Local Identities

ABSTRACT: Local publishing is the perfect place to observe the limitations and the subtleties that published works are subjected to as a result of the memories and identity they contain. It is an ideal place for the the construction of identity and local editions contain the narratives of a collective memory and the feelings of belonging of a particular community. Torres Novas is a Portuguese municipality with a population of about 37,000 where we can find a niche of local editions which attempt to cover all areas of identity construction, thus demonstrating the passage of time and the generational legacy, as well as reinventing a collective memory.

Data de recepção / date of submission: 20.05.2014